



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Fundamentos do Serviço Social

OS CONCEITOS BASE/SUPERESTRUTURA E IDEOLOGIA EM MARX

ÉRIKA ALVES MARTINS ¹

RESUMO:

O artigo integra capítulo em construção da tese de doutorado cujo objeto é o *projeto ético-político do Serviço Social considerado enquanto ideologia segundo a concepção lukacsiana*. Nesta pesquisa toma densidade dois conceitos: a ideologia e a base/superestrutura. O exercício aqui é um rastreamento dessas categorias nas obras de Marx, tendo como marco seu pensamento pós *A Ideologia Alemã* (1845-1846).

Palavras-chave: Base. Superestrutura. Ideologia. Serviço Social.

ABSTRACT:

It is a fact that in this extract from the research object, at least two concepts take on density – ideology and base/superstructure – and our exercise is to base the matrix of this discussion based on what is contained in Marx's works. Thus, if the main theoretical reference of the thesis is Lukacsian thought - whose legacy engendered a new meaning to the interpretations of Marxism that took place throughout the 20th century, affirming the ontological content present in Marxian thought. Otherwise, it is necessary to go to Marx himself to seek, in the origins, the meaning he attributed to the concepts of ideology and base/superstructure.

Thus, this article seeks to present the findings of the treatment of such concepts – ideology and base/superstructure – taking as a framework Marxian thought after *The German Ideology* (1845-1846).

Keywords: Base. Superstructure. Ideology. Social service.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte integrante de capítulo que incorpora a pesquisa da tese de doutorado, com previsão de término para dezembro de 2024. O objeto de tratamento da tese é o *projeto ético-político do Serviço Social considerado enquanto ideologia segundo a concepção lukacsiana*. Ou seja, a tese que norteia a pesquisa de doutorado defende que o projeto ético-político profissional, aquele vinculado a ruptura com o Serviço Social tradicional, pode ser compreendido, a partir da concepção de Lukács, enquanto pôr teleológico secundário que visa modificar comportamentos humanos, estando localizado na superestrutura marxiana, como ideologia.

No que se refere ao projeto ético-político do Serviço Social muitas contribuições teóricas se acumulam desde a viragem crítica da profissão até este primeiro quarto do século XXI. Com relação ao debate da ideologia também não é diferente, ele é revestido de muita história e de muitos significados.

Mas, o que nos interessa aqui, é uma conceituação específica, que deriva da concepção lukacsiana, ainda utilizada de modo tímido nos meios acadêmicos do Serviço Social brasileiro. Esta afirmação se fundamenta, principalmente, em um mapeamento realizado a respeito das discussões do projeto ético-político e da ideologia no campo do Serviço Social, a nível de mestrado e doutorado.

A partir de uma consulta¹ no catálogo de teses da Capes foi possível encontrar os seguintes números: na busca² com o termo “projeto ético-político do Serviço Social”, com filtros em grande área de conhecimento “Ciências sociais aplicadas”, área de conhecimento “Serviço Social” e área de avaliação “Serviço Social” apareceram 164 respostas, sendo 131 de dissertações e 33 de teses; na busca com o termo “projeto ético-político do Serviço Social e ideologia”, seguindo os mesmos filtros, encontramos 5 resultados, sendo 3 dissertações e 2 teses; e, na busca com o termo “ideologia”, considerando os mesmos filtros, a resposta à pesquisa retornou 167 trabalhos, sendo 93 dissertações e 74 teses.

¹ A consulta no catálogo de teses da Capes foi realizada em 04 de abril de 2024, portanto, os resultados encontrados remetem ao disponível naquele exato momento.

² A ferramenta de busca no site da Capes retorna incidências textuais dispostas nos títulos e nas palavras-chaves dos trabalhos. Deste modo, os números apresentados se referem a trabalhos que possuem os termos de pesquisa, seja no título, seja nas palavras-chaves.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Deste modo, se o tema *projeto ético-político do Serviço Social* não incorpora novidade maior à tese, o movimento de considerá-lo enquanto *ideologia*, a partir do conceito lukacsiano, imprime-lhe uma perspectiva diferenciada diante da originalidade impressa pelo autor ao termo.

Neste sentido, uma análise bastante preliminar do horizonte por onde se concentrou esses achados iniciais parece colocar ao objeto de tratamento da pesquisa uma questão original a ser explorada, qual seja: a ausência de um veio interpretativo na profissão que situe o projeto ético-político do Serviço Social enquanto ideologia a partir da concepção lukacsiana.

Mas, de imediato, qual seria a importância de uma compreensão que seguisse este curso? E a resposta possível de formular de pronto é que todo movimento no sentido de compreender a dinâmica de funcionamento e as especificidades que compõem a profissão são um saldo político importante, pois somam-se à uma apreensão mais apurada do seu significado sociopolítico no interior do modo de produção burguês. E, mais ainda, a aproximação a este veio de perspectiva na compreensão do projeto ético-político contribui com o saldo teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo construído pela ruptura com o tradicionalismo na profissão, cujo comprometimento metodológico de fundo concentra no conhecimento da realidade e na construção de uma ordem societária sem exploradores e explorados.

Portanto, este trabalho localiza o projeto ético-político do Serviço Social no campo das ideias, ideias em disputa que foram capturadas a partir do esforço de uma subjetividade que se objetivou na busca da compreensão aproximada da realidade. Assenta o projeto ético-político do Serviço Social na superestrutura, nos moldes da organização metodológica de estrutura social utilizada por Marx desde a Crítica do direito de Hegel e que foi, progressivamente, incorporada à sua análise da realidade econômica e social burguesa e da possibilidade material e histórica de ultrapassá-la pelas mãos do proletariado. Ou seja, esta pesquisa situa tal projeto como derivante de conteúdos teórico-filosóficos, com claro conceito e determinação social, que foram submetidos ao movimento de disputa de hegemonia enquanto direção social da profissão.

Trata-se, pois, de um projeto profissional em constante tensão. Seu cerne contém o enfrentamento histórico de forças sociais manifestas na sociedade, cujo direcionamento ético-político vincula-se à uma determinada ordem societária. Este projeto, que encontra expressão de materialidade, principalmente, nos documentos do Código de Ética Profissional de 1993, na Lei de Regulamentação da Profissão (Lei nº 8.662 de 7 de junho de 1993) e nas Diretrizes Curriculares para os cursos de Serviço Social aprovadas pela ABEPSS, sintoniza-se a um projeto societário com determinação histórica, a um pensamento dotado de força social em



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

constante disputa, que busca dar respostas reais aos conflitos que se desenham nesta sociedade. Tal fato sobressalta a sua condição de projeto profissional marcadamente vinculado à uma perspectiva de mundo, no campo da construção de uma nova ordem social, e imerso na principal disputa societária que se desenha desde a emergência do modo de produção burguês. Nestes termos, suas ideias, suas perspectivas, sempre serão alvo de tensões, que, ainda que não ocorram em termos de enfrentamentos abertos no interior da categoria – a partir de disputas pela direção social da profissão –, acontecem a partir da construção de respostas às demandas postas na cotidianidade do trabalho do assistente social.

Dito isto, é importante registrar que o escopo principal da tese está centrado na discussão de Lukács, disposta nos seus últimos escritos em *Para uma ontologia do ser social*, a respeito da teorização original que este atribuiu ao conceito de ideologia, colocando-se como crítico tanto das concepções advindas do marxismo vulgar quanto das correntes idealistas.

É fato que neste extrato de objeto de pesquisa toma densidade pelo menos dois conceitos, – a ideologia e a base/superestrutura – sendo nosso exercício fundamental a matriz dessa discussão a partir do que está contido nas obras de Marx. Deste modo, se a referência teórica principal da tese é o pensamento lukacsiano - cujo legado engendrou um ressignificado às interpretações do marxismo que se deram ao longo do século XX, afirmando o conteúdo ontológico presente no pensamento marxiano. De outro modo, é preciso ir ao próprio Marx para buscar, nas origens, o significado que este atribuiu aos conceitos de ideologia e base/superestrutura.

Assim, o presente artigo busca apresentar os achados de tratamento de tais conceitos – a ideologia e base/superestrutura – tendo como marco o pensamento marxiano pós *A Ideologia Alemã* (1845-1846).

2 BASE E SUPERESTRUTURA

O termo base-superestrutura é fonte, no meio marxista, de discórdias sérias, que o remetem a um movimento mecanicista, que não considera a dinâmica totalizante do modo como as relações de produção e reprodução do ser social se dão. Interessante observar que o conceito, que arrasta polêmicas entre os marxistas, parece constar explicitamente, como indica Derek Ford



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

(2021), em duas obras de Marx, sendo n' *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* (1852) e no famoso prefácio de *Contribuição à crítica da Economia Política* (1859).

Em *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* (1852) Marx situa a superestrutura da seguinte forma:

Sobre diferentes formas de propriedade, sobre condições sociais de existência, ergue-se toda uma superestrutura de sentimento, ilusões, modos de pensamento e visões de vida distintas e peculiarmente formadas. A classe como um todo cria-os e forma-os a partir de suas bases materiais e das relações sociais correspondentes (Marx, 1984).

O conceito marxiano aqui remete ao entendimento de que a posição de classe no interior da produção social produz o seu modo de pensar, sentir e entender a vida. Ou seja, a visão de mundo de uma classe social é determinada por suas condições materiais de vida.

No prefácio à terceira edição alemã de *O Dezoito Brumário*, em 1885, trinta anos após sua primeira publicação, Engels discorreu sobre o mérito da obra, sendo construída no mesmo tempo que se processavam mudanças significativas no território francês. O período histórico que compreende vai das jornadas de fevereiro de 1848 até o resultado de 2 de dezembro de 1851, sendo que o próprio Marx, no segundo prefácio do livro, adverte que o “material histórico não vai além do mês de fevereiro de 1852”. A importância do prefácio de Engels, além de trazer um apanhado rápido sobre o conteúdo do livro, ressaltando o profundo conhecimento de Marx sobre a história francesa, reside no destaque à grande lei da marcha histórica. O extrato íntegro do seu texto que vem a seguir, remonta, mais uma vez, ao significado conceitual do movimento da base e da superestrutura, mesmo sem aparecer, de fato, os termos.

Fora Marx quem primeiro descobrira a grande lei da marcha histórica, a lei segundo a qual todas as lutas históricas, quer se processem no domínio político, religioso, filosófico ou qualquer outro campo ideológico, são na realidade apenas a expressão mais ou menos clara de lutas entre classes sociais, e que a existência e, portanto, também os conflitos entre as classes são, por seu turno, condicionados pelo grau de desenvolvimento de sua situação econômica, pelo seu modo de produção e pelo seu modo de troca, este determinado pelo precedente. Essa lei – que tem para a história a mesma importância que a lei da transformação da energia tem para as ciências naturais – forneceu-lhes, aqui também, a chave para a compreensão da história da II República Francesa. (Engels in Coleção os Pensadores, 1988, p. 6).

O uso do termo superestrutura em *O Dezoito Brumário* encontra-se imerso nas lutas de classe – cuja base material situa-se na posição que cada classe ocupa no interior do modo de produção – que se davam no território francês com vistas a alcançar o poder político, na superestrutura. Neste sentido, Marx adverte, “nas lutas históricas deve-se distinguir mais ainda as frases e as fantasias dos partidos de sua formação real e de seus interesses reais, o conceito que



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

fazem de si do que são na realidade” (1988, p. 27). Ou seja, nas lutas sociais, deve-se identificar num determinado polo do enfrentamento de forças, além de sua proposta político-ideológica, o seu pertencimento socioeconômico ou sua posição no interior do modo de produzir.

No *prefácio da Contribuição à crítica da Economia Política* (1859), Marx destaca que no processo de desenvolvimento das sociedades de classes antagônicas, somente a evolução dessa radicalidade, será capaz de irromper a revolução social, como produto do acúmulo histórico da consciência revolucionária.

A estrutura³ da sociedade burguesa está organizada em base e superestrutura, com uma distinção conceitual objetiva. Recorramos então ao próprio *prefácio*:

[...] na produção social da sua vida os homens entram em determinadas relações, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada etapa de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. **A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem determinadas formas da consciência social. O modo de produção da vida material é que condiciona o processo da vida social, política e espiritual.** Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, **o seu ser social que determina a sua consciência.** (Marx, 1982).

Deste modo,

[...] o formato das relações sociais engendradas pelo mercado e pela produção determina a forma de ser da superestrutura jurídica e política da sociedade e seu correspondente nível de consciência social dos processos que se dão na sua base. Longe de se estabelecer como espaço livre de tensão, as formas ideológicas de compreensão do mundo, expressas nas instâncias jurídicas, políticas, religiosas, artísticas, filosóficas *etc.*, informam o campo de forças que se enfrentam na base, na sociedade civil, e que representam distintas gradações de consciência do processo em curso. (Martins, 2013, p. 180-181).

O conceito, assim, é dotado do caráter de totalidade, uma totalidade em movimento cuja base compõe-se das relações de produção e das forças produtivas, enquanto a superestrutura emerge deste mesmo movimento estabelecido pelas relações forjadas na base da produção. Ou seja, trata-se de um amálgama – cujas substâncias apresentam suas especificidades no interior da formação de um dado material – onde a totalidade das relações de produção tendencialmente

³ Cabe registrar aqui importante crítica que Lukács apresenta com relação ao uso da fórmula base e superestrutura que, pelas mãos do marxismo vulgar, padeceu de um dualismo metodológico. Recorramos ao próprio texto lukacsiano: “O que predominou em sua práxis geral foi certo dualismo metodológico, pelo qual o campo da economia foi apresentado como uma legalidade, necessidade *etc.*, formulada de modo mais ou menos mecânico, ao passo que o da superestrutura, da ideologia, revela-se como uma área em que começavam a aflorar as forças motrizes ideais, com muita frequência concebidas em termos psicológicos” (2013, p. 356-357). Lukács continua: em Plekhanov o dualismo predomina de modo geral, seja considerando uma relação mecânica entre base e superestrutura, seja com traços indicativos de dialética; em Kautsky padeceu de certa uniformização do método, ao derivar a totalidade do ser social a categorias essencialmente biológicas; em Max Adler o ser social é desprovido de relações materiais, levando todas as relações a relações espirituais (p. 357).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

determinam o tipo de ser da superestrutura e esta, por sua vez, retroalimenta as necessidades da base, mesmo que numa constante tensão de forças.

Este movimento interpretativo marxiano contém a representação mais fiel da forma como as relações se estabelecem na sociedade. Mais que isso, o *prefácio da Contribuição à crítica da Economia Política* (1859), traz à luz como se dá a produção histórica da revolução enquanto produto de desenvolvimento da própria sociedade.

Engels, em carta à Joseph Bloch (1890), tratou de situar a importância preponderante da base, colocando a produção e a reprodução da vida como o fator determinante da história.

De acordo com a concepção materialista da história, o elemento determinante final na história é a produção e reprodução da vida real. Mais do que isso, nem eu e nem Marx jamais afirmamos. Assim, se alguém distorce isto afirmando que o fator econômico é o único determinante, ele transforma esta proposição em algo abstrato, sem sentido e em uma frase vazia. As condições econômicas são a infraestrutura, a base, mas vários outros vetores da superestrutura (formas políticas da luta de classes e seus resultados, a saber, constituições estabelecidas pela classe vitoriosa após a batalha, etc., formas jurídicas e mesmo os reflexos destas lutas nas cabeças dos participantes, como teorias políticas, jurídicas ou filosóficas, concepções religiosas e seus posteriores desenvolvimentos em sistemas de dogmas) também exercitam sua influência no curso das lutas históricas e, em muitos casos, preponderam na determinação de sua forma (Engels, 1978).

Engels responde à questão daqueles que negavam a importância do modo de produção e reprodução através dessa carta, chamando Bloch a ler as fontes primárias, sobretudo o livro de 1852, *O Dezoito Brumário*.

Florestan Fernandes (1984) reconheceu – na sua obra *K. Marx, F. Engels: história* – o trabalho de síntese e de amadurecimento de Marx frente ao objeto pesquisado contido no prefácio de *Contribuição à crítica da Economia Política* (1859) como “algumas páginas magistrais, nas quais K. Marx indica o seu percurso intelectual até a redação dessa obra. Em tão poucas páginas, ele logrou marcar com clareza, simplicidade e precisão os vários pontos essenciais do que viria, mais tarde, a ser conhecido como marxismo” (Fernandes, 1984, p. 21). E chama atenção ainda que “essa obra e *O Capital* coroam um intenso labor de pesquisa, que começara em 1844 e se tornara mais absorvente de 1850 em diante” (Fernandes, 1984, p. 44). Nela, Marx delineia o maduro processo de aproximação com a economia política ao trazer as relações de produção para a base da produção material da vida em sociedade. Suas elaborações seguiram em *crescendum continuun* de aproximação com as categorias da economia política e, na passagem do *prefácio*, “o que emerge é uma refinada teoria sociológica da revolução social, esbatida sobre o pano de fundo das correntes históricas que atravessam as estruturas da sociedade” (Fernandes, 1984, p. 46).

O peso analítico condensado nos conceitos base e superestrutura, mesmo tendo sido utilizado tão poucas vezes por Marx, é um legado metodológico da mais alta importância, pois nele contempla a unidade das condições objetivas e subjetivas que não escapa à vida do ser social e, mais que isso, faz-se presente o caráter da possibilidade de construção histórica da revolução.

3 IDEOLOGIA

A ideologia, por seu turno, também encontra um terreno heterogêneo no tratamento de seu significado. Alguns localizam este conceito como um conjunto de crenças, ideias e valores que informam e orientam comportamentos. Outros enfatizam o aspecto crítico e negativo de deformação da realidade que o conteúdo ideológico provoca.

Michael Löwy (2000) indica que este conceito não é unívoco. Ele vem se transformando desde a primeira tentativa de sua definição, que aparece em Destutt de Tracy, um enciclopedista materialista vulgar, no livro publicado em 1801, cujo título era *Eléments d'Idéologie*. Naquele momento, a vinculação do conceito de ideologia encontra-se atrelada a um subcapítulo da zoologia que Tracy considerava como um estudo científico das ideias.

Konder (2002), seguindo a mesma compreensão de Löwy, acrescenta que a concepção de ideologia de Tracy concebida a ação dos homens determinada pelo conhecimento, reflexo do movimento de organização das ideias. Nestes termos, sua questão era descobrir quais os elementos sensoriais que constituem a base das ideias e sua compreensão de realidade correspondia a impressões sensoriais materializadas nessas mesmas ideias.

A pretensão de Tracy e, ainda, do grupo de intelectuais que “partilhavam” da sua concepção, era ser o instrumento orientador dos detentores de poder. Neste sentido, Napoleão, quando governava a França, em 1812, sentiu-se incomodado com o desejo do grupo de ensiná-lo a dirigir o Estado e não perdeu tempo em acusar o caráter especulativo e metafísico desse pensamento, alcunhando os discípulos do enciclopedismo francês de ideólogos. Assim, o significado ganhou acepção negativa, denotando sua precária capacidade



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de conhecer o mundo com o olhar atento às circunstâncias históricas. Devido ao peso representativo da crítica de Napoleão, essa concepção de ideologia acabou prevalecendo sobre a de Tracy e seus companheiros.

Este preâmbulo rápido dos primeiros significados atribuídos à ideologia se apresentam aqui mais como um fio histórico do conceito, pois, o que interessa é trabalhar a categoria a partir da perspectiva marxiana.

O conceito de ideologia em Marx também padece de certa imprecisão entre seus vários interpretes. Entretanto, Ester Vaisman (1996), situa que mesmo diante do quadro adverso em que foi realizada a aproximação ao conceito marxiano se constatou “a existência de um consenso quase que total, [...], da importância decisiva que esse conceito teria na obra de Marx” (p. 231).

Vaisman (1996) se colocou na empreitada de rastrear o modo como o termo ideologia estava empregado no interior da obra marxiana. Deste modo,

[...] o que procuramos fazer, [...], foi partir de um traçado do *corpus* teórico-filosófico da obra marxiana, assim como da determinação dos complexos categoriais no interior dos quais essa questão pudesse ser decifrada. Assim, constatamos que o pensador alemão empregou o termo ideologia de forma sistemática enquanto designativo crítico específico para a propositura especulativa neo-hegeliana, que é tomada por Marx como o defeito ontológico que inverte a relação de determinação entre ser e pensar (p. 232).

Tendo como corte temporal a utilização do conceito na perspectiva crítico-especulativa – referência de como os neo-hegelianos apreendiam as contradições da realidade – Marx, após o texto de *A Ideologia Alemã* (1845-1846) emprega os termos “ideologia” e “ideólogos” em raras oportunidades (Vaisman, 1996).

Vaisman faz um intenso rastreio das obras em que Marx volta a utilizar os conceitos de ideologia e ideólogos tendo como marco temporal o texto de 1846, d’*A Ideologia Alemã*. Deste modo, seu achado compreendeu as seguintes obras: *A Miséria da Filosofia* (1846-1847), *O Manifesto do Partido Comunista* (1848), *Os Grundrisse* (1857-1858), o *Prefácio de 1859*, as *Teorias da Mais-Valia* (1861-1863) e o primeiro livro d’*O Capital* (1867).

Em *A Miséria da Filosofia*, segundo Vaisman (1996), o termo está empregado de modo crítico-especulativo, especificando o modo como Proudhon compreendia as coisas reais como categorias teóricas. A crítica de Marx ao pensamento de Proudhon toma a cena:

Os materiais dos economistas são a vida ativa e atuante dos homens; os materiais do Sr. Proudhon são os dogmas dos economistas. Mas, a partir do momento em que não se persegue o movimento histórico das relações de produção, de que as categorias são

apenas a expressão teórica, a partir do momento em que se quer ver nestas categorias somente ideias, pensamentos, independentes das relações reais, a partir de então se é forçado a considerar o movimento da razão pura como a origem desses pensamentos (Marx, 1985, p.103).

Segundo Vaisman, em *A Miséria da Filosofia*, o termo ideologia está presente na Terceira e Quinta Observações do capítulo *A metafísica da economia política* e, o sentido atribuído por Marx nestes dois momentos, corresponde ao mesmo utilizado em *A ideologia Alemã*.

Na Terceira Observação Marx inicia situando uma crítica ao modo como Proudhon considera as relações econômicas:

As relações de produção de qualquer sociedade constituem um todo. O Sr. Proudhon considera as relações econômicas como umas tantas fases sociais que se engendram umas as outras, que resultam umas das outras assim como a antítese resulta da tese, e que realizam, na sua sucessão lógica, a razão impessoal da humanidade (Marx, 1985, p. 106).

As relações econômicas, deste modo, são tomadas como uma sucessão de fases sociais que se superam ao longo dos tempos, negando o conteúdo de construção histórica empreendido pela humanidade. A lógica do Sr. Proudhon, que busca engendrar uma fase à outra, se estabelece como se a nova fase incluída no circuito fosse recém-nascida.

Marx finaliza suas observações, nesta observação, considerando que Proudhon construiu um sistema ideológico das categorias econômicas.

Construindo-se com as categorias da economia política o edifício de um sistema ideológico, deslocam-se ao componentes do sistema social. Transforma-se os diferentes componentes da sociedade em várias sociedades, que se sucedem umas às outras. De fato, como e que a fórmula lógica do movimento, da sucessão, do tempo, poderia explicar, sozinha, o corpo social, no qual todas as relações coexistem simultaneamente, sustentando-se umas às outras? (Marx, 1985, p. 107 – grifos nossos).

Entretanto, Vaisman (1996) chama atenção ao modo como Marx situa sua crítica a Proudhon na Quinta Observação, o considerando “num patamar analítico inferior àquele atingido pelos ideólogos” (p. 232). Deste modo, o termo ideólogo na Quinta Observação aparece no rastro da crítica de que Proudhon está numa posição inferior aos neo-hegelianos. Vamos ao texto:

Cada princípio teve o seu século para nele se manifestar: o princípio da autoridade, por exemplo, teve o século XI, como o do individualismo teve o XVIII. De consequência em consequência, era o século que pertencia ao princípio, e não o princípio ao século. Noutros termos: era o princípio que fazia história, não a história ao princípio. Quando, em seguida, tanto para salvar os princípios como a história, indaga-se por que tal princípio se manifestou nos séculos XI ou XVIII e não nos outros, é-se obrigatoriamente forçado a examinar com minúcia quais eram os homens dos séculos XI e XVIII, quais eram as suas respectivas necessidades, suas forças produtivas, seu modo de produção, as matérias-primas da sua produção – enfim, quais eram as relações entre os homens que resultavam de todas estas



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

condições de existência. Aprofundar todas estas questões não é fazer a história real, profana, dos homens em cada século, representar estes homens simultaneamente como os autores e os atores do seu próprio drama? Mas, a partir do momento em que os homens são representados como atores e autores da sua própria história, chega-se, por um atalho, ao verdadeiro ponto de partida, uma vez que são abandonados os princípios eternos de que inicialmente se arrancava.

O Sr. Proudhon não avançou o suficiente nem mesmo nestes atalhos que o ideólogo percorre para alcançar a grande estrada da história. (Marx, 1985, p. 110-111 – grifos nossos).

A longa citação vem destacar o modo como Marx estabelece sua crítica a Proudhon, situando que os neo-hegelianos conseguem apanhar o caminho da história, e ele, o Sr. Proudhon, não alcança este atalho. Assim, o situa numa condição de mais ideológico do que os próprios ideólogos neo-hegelianos.

Em suma, a ênfase marxiana presente na crítica ao pensamento de Proudhon reside no procedimento especulativo com que o mesmo considera as categorias econômicas.

Em *O Manifesto Comunista* (1848) Vaisman (1996) chama atenção numa mudança de perspectiva do termo, que deixa de representar "o sentido *onto-crítico* adquirido em *A Ideologia Alemã* e *A Miséria da Filosofia*, para assumir um outro, o sentido *onto-nominativo*, pois Marx passa a empregá-lo para denominar em conjunto as formações superestruturais e as formas de consciência" (p. 233).

No contexto da efervescência da luta de classes de 1848, Marx situa que parte da classe burguesa – o setor dos ideólogos burgueses, nas suas palavras – tende a se juntar ao proletariado.

[...] em tempos em que a luta de classes se aproxima da decisão, o processo de dissolução no seio da classe dominante, no seio da velha sociedade toda, assume um caráter tão vivo, tão veemente, que uma pequena parte da classe dominante se desliga desta e se junta à classe revolucionária, à classe que traz nas mãos o futuro. Assim, tal como anteriormente uma parte da nobreza se passou para a burguesia, também agora uma parte da burguesia se passa para o proletariado, e **nomeadamente uma parte dos ideólogos burgueses que conseguiram elevar-se a um entendimento teórico do movimento histórico todo** (Marx, 1997, p. 39 – grifos nossos).

O critério de conversão de parte dos ideólogos burgueses é a apreensão dos processos reais do movimento histórico em seu conjunto.

No famoso *prefácio da Contribuição à crítica da Economia Política* (1859), já referenciado quando da discussão da base e da superestrutura, Marx utiliza o termo no sentido de nominar o conjunto da produção cultural e espiritual da sociedade – suas formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas e filosóficas – cuja atividade tende a modificar comportamentos humanos. Entretanto, no mesmo prefácio, o termo também é tomado no sentido crítico ontológico.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Vamos aos fragmentos, sendo, o primeiro, no sentido onto-nominativo – refere-se ao termo para designar um conjunto de ideias – e, o segundo, no sentido onto-crítico – referindo-se de modo crítico à concepção de mundo ou de ideias dos neo-hegelianos.

Na consideração de tais revoluções tem de se distinguir sempre entre o revolucionamento material nas condições econômicas da produção, o qual é constatável rigorosamente como nas ciências naturais, e **as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em suma, ideológicas, em que os homens ganham consciência deste conflito e o resolvem.** (MARX, 1982 – grifos nossos).

[...]

Friedrich Engels, com quem manteve por escrito uma constante troca de ideias desde o aparecimento do seu genial esboço para a crítica das categorias econômicas, tinha chegado comigo, por uma outra via, [...], ao mesmo resultado, e quando, na Primavera de 1845, ele se radicou igualmente em Bruxelas, **decidimos esclarecer em conjunto a oposição da nossa maneira de ver contra a [maneira de ver] ideológica da filosofia alemã, de facto ajustar contas com a nossa consciência filosófica anterior.** Este propósito foi executado na forma de uma crítica à filosofia pós-hegeliana. (MARX, 1982 – grifos nossos).

O termo, deste modo, oscila de um conceito mais amplo, conceitual, mais designativo do conjunto das ideias que se processam na superestrutura, para um caráter que encontra o mesmo sentido assumido em *A Ideologia Alemã* e *A Miséria da Filosofia*. Neste ponto, Vaisman (1996) observa: “parece que Marx, sempre que é levado a referir de algum modo a procedimentos de caráter especulativo, volta a empregar o termo no sentido crítico-ontológico que manifesta em *A Ideologia Alemã*” (p. 234).

Nos *Grundrisse* (1857/1858) também é possível encontrar o emprego do termo ideologia tanto como designativo crítico especulativos, quanto como com o caráter de ideal, de conjunto de ideias.

Essas relações de dependência coisal [material]⁴, por oposição às relações de dependência pessoal (a relação de dependência coisal [material] nada mais é do que as relações sociais autônomas contrapostas a indivíduos aparentemente independentes, i.e., suas relações de produção recíprocas deles próprios autonomizadas), aparecem de maneira tal que os indivíduos são agora dominados por abstrações, ao passo que antes dependiam uns dos outros. **A abstração ou ideia, no entanto, nada mais é do que a expressão teórica dessas relações materiais que os dominam. As relações só podem naturalmente ser expressas em ideias, e é por isso que os filósofos conceberam como o peculiar da era moderna o fato de ser dominada pelas ideias e identificaram a criação da livre individualidade com a derrubada desse domínio das ideias. Do ponto de vista ideológico, o erro era tão mais fácil de cometer porquanto esse domínio das relações [...] aparece na consciência dos próprios indivíduos como domínio das ideias e a crença na eternidade de tais ideias, i.e., dessas relações coisais [materiais] de dependência, é consolidada, nutrida, inculcada por todos os meios, é claro, pelas classes dominantes.** (Marx, 2011, p. 95 – grifos nossos).

⁴ O termo entre colchetes foi inserido por nós, pois trata-se de uma obra traduzida que não conseguimos acesso e, no entanto, expressa melhor a ideia. Deste modo, optamos por usá-la sinalizando a alteração no texto.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Vaisman (1996) chama atenção que Marx adverte, ao desenvolver a respeito da destruição de vínculos de dependência pessoal à medida que avança o desenvolvimento do sistema de troca e valor de troca, que o indivíduo parece ser livre, livre nas relações interpessoais e nas relações de troca. Entretanto, tal liberdade não passa de abstração, *expressão teórica das relações materiais* que dominam o indivíduo. Na última frase da longa citação Vaisman (1996) situa parecer se tratar de uma crítica a Stirner – um ideólogo alemão – que considera que a consciência opera a espiritualização do mundo e, a partir dela, se dá a alienação das individualidades.

Marx também utiliza os termos “ideólogos” e “ideologia” em *O Capital* mas, em poucas oportunidades e, segundo Vaisman (1996), “com o propósito de designar representantes intelectuais de dada classe social e como ponto de vista de um horizonte teórico socialmente determinado” (p. 235). Abaixo os fragmentos que denotam o apontamento de Vaisman.

É por isso que **o capitalista e seu ideólogo, o economista político**, consideram produtiva apenas a parte do consumo individual do trabalhador, que é exigida para a perpetuação da classe trabalhadora, que portanto, de fato, tem de ser consumida para que o capital consuma a força de trabalho; o que, além disso, o trabalhador possa consumir para seu próprio prazer, é consumo improdutivo (Marx, 1996, p. 205 – grifos nossos).

[...]

Na Europa ocidental, a terra natal da Economia Política, o processo da acumulação primitiva está mais ou menos completado. O regime capitalista aqui ou submeteu diretamente toda a produção nacional ou, onde as condições estão menos desenvolvidas, controla pelo menos indiretamente aquelas camadas sociais decadentes que pertencem ao modo de produção arcaico que continua existindo a seu lado. Sobre esse mundo já pronto do capital, **o economista político aplica com zelo tanto mais ansioso e com unção tanto maior as concepções de direito e propriedade do mundo pré-capitalista quanto mais claramente os fatos negam sua ideologia** (Marx, 1996, p. 383 – grifos nossos).

No primeiro fragmento o termo está aplicado identificando o capitalista como um produtor de ideias, de modo crítico ontológico. E, o segundo, traz a conotação de horizonte social, de conjunto de ideias.

E, por fim, em *As Teorias da Mais-Valia* (1861-1863), Vaisman indica que Marx também utiliza a categoria ideologia nos seus dois significados. Ele o faz no sentido de caracterizar a atividade intelectual em geral e como uma crítica à visão a-histórica de Storch sobre as “relações entre produção material e produção intelectual” (Vaisman, 1996, p. 236). Vamos aos fragmentos:

Eis aí a linguagem da burguesia ainda revolucionária, que até então não subjugara a sociedade toda, o Estado etc. Essas ocupações transcendentais, veneráveis, a de soberano, juiz, militar, sacerdote etc., junto com todos os velhos **grupos ideológicos** que geram, os eruditos, magistrados e padres, equiparam-se, no plano econômico à turba de seus próprios lacaios e bobos, sustentados por eles e pela riqueza ociosa, aristocracia fundiária e os capitalistas desocupados (Marx, 1980, p. 283 – grifos nossos).

[...]



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Contudo, a burguesia alcança o domínio, apoderando-se ela mesma do Estado ou estabelecendo um compromisso com os antigos dirigentes: reconhece **os profissionais ideológicos** como carne de sua carne e os transforma em funcionários a ela apropriados (Marx, 1980, p. 283 – grifos nossos).

[...]

Por não conceber a própria produção material no domínio histórico, por considerá-la produção de bens materiais em geral e não uma forma definida, historicamente desenvolvida e especificada produção, **Storch priva-se a si mesmo da única base que possibilita entender os componentes ideológicos da classe dominante** e ainda a produção intelectual livre dessa dada formação social. Não pode ir além de medíocres generalidades. Em consequência, as relações não são tão simples quanto ele, de antemão imagina (Marx, 1980, p. 267 – grifos nossos).

Assim, nas duas primeiras citações o emprego de “grupos ideológicos” e “profissionais ideológicos” aparecem no sentido de designar as atividades intelectuais de modo geral e, na terceira citação, o significado está atrelado ao modo crítico-ontológico, da visão a-histórica de Storch.

Tem-se, deste modo, um compilado dos achados da pesquisa de Vaisman a respeito da presença da categoria ideologia na obra marxiana tendo como marco temporal a utilização posterior a obra de *A Ideologia Alemã*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício apresentado neste artigo, que pertence à fragmento da tese de doutorado em fase de elaboração, trata-se de tarefa que se apresentou como necessária diante da natureza do objeto de pesquisa. Este está centrado na consideração do projeto ético-político do Serviço Social enquanto ideologia segundo a concepção lukacsiana e, neste sentido, a discussão da base/superestrutura e da ideologia ganha centralidade no interior do objeto.

O material apresentado foi construído através da revisitação constante à obra marxiana mas, contempla também, o fio condutor do estudo de dois autores, quais sejam: Derek Ford, professor norte-americano da Universidade de Depauw, na cidade de Greencastle; e Ester Vaisman, professora da Universidade Federal de Minas Gerais.

Mais especificamente, o artigo do prof. Derek Ford, intitulado *Base e superestrutura: um modelo para a análise e a ação* (2021) e a tese de doutorado da prof. Ester Vaisman, *A determinação marxiana da ideologia* (1996), sobretudo no item *O termo ideologia depois de A*



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ideologia Alemã, foram as principais fontes que indicavam os achados no interior da imensa obra de Marx.

O movimento de conhecer, no interior da obra marxiana, o significado dessas categorias busca alicerçar a fundamentação teórica do objeto que acontece pela via da discussão do campo da superestrutura, do terreno das ideologias. Com isso não há qualquer equívoco quanto a função determinante que a base exerce sobre a superestrutura, tal fato é indiscutível. Entretanto, o impacto inverso também é real, no sentido de que é a superestrutura que alimenta a base, contribuindo para seu fortalecimento ou trazendo elementos para sua ruína. Trata-se mesmo de um movimento que vem no rastro das pistas analíticas que o próprio objeto indica. Assim como não se pode perder de vista que este objeto está acompanhado da necessidade de pensar o ser social e a sua constituição, uma vez que se localiza num determinado campo de leituras acerca da realidade e de respostas que foram construídas pelo esforço da consciência de apropriação do real, frente aos desafios postos em determinado tempo e espaço. É o movimento do homem singular que constitui a base do ser e de todo processo de reprodução do complexo total.

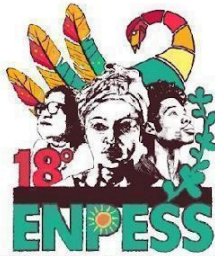
Entretanto, um caminho ainda por fazer se trata de um “acerto” de contas entre as concepções de ideologia de Marx e Lukács. De modo bastante incipiente parece possível afirmar que Lukács restringiu o significado da ideologia ao caráter ontológico nominativo, de conjunto de ideias localizados na superestrutura. Tal fato não esvazia o esforço lukacsiano quanto ao tema, pois se tratam de objetos diferentes que demandam dedicação também diferenciada.

REFERÊNCIAS

ENGELS, F. **Letters on Historical Materialism**. To Joseph Bloch. 1890. In TUCKER, Robert C. (org) *The Marx-Engels reads*. New York: W.W. Norton & Company, 1978. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm#tr1> >. Acesso em: 18 jul. 2024.

FERNANDES, F. **K. Marx, F. Engels: história**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1984

FORD, Derek. *Base e superestrutura: um modelo para a análise e a ação*. 2021. Disponível em: < <https://www.hamptonthink.org/read/the-base-superstructure-a-model-for-analysis-and-action> >. Acesso em: jun. 2024. Tradução de Marcella Torres. In: *LavraPalavra*. 2022. Disponível em: < <https://lavrpalavra.com/2022/05/19/base-e-superestrutura-um-modelo-para-a-analise-e-a-acao/> >. Acesso em: jun. 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 1985.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**; tradução Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielme Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. In: Marx, Engels: obras escolhidas em três tomos. Lisboa: Avante, 1982. Disponível em:
<<http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm>>. Acesso em: jan. 2024.

_____. **O Capital**. Livro 1. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

_____. **O 18 brumário de Louis Bonaparte**. 2 ed. Lisboa: Avante, 1984. Disponível em:
<<http://marxist.org/portugues/marx/1852/brumario/index.htm>>. Acesso em: jul. 2024.

_____. **A miséria da filosofia**. São Paulo: Editora Global, 1985.

_____. **Manuscritos Econômicos-filosóficos e outros escritos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978, (col. Os Pensadores).

Marx, K. **Grundrisse** : manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo. Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5668741/mod_resource/content/1/MARX_%20Grundrisse%20Manuscritos%20Econ%C3%B4micos%20%281%29.pdf>. Acesso em: jul. 2024.

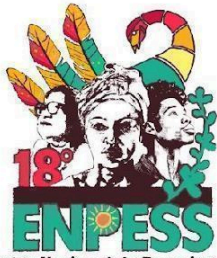
_____. **Teorias da mais-valia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

MARK, K. e ENGELS, F. **O manifesto do partido comunista**. Lisboa: Avante, 1997. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/index.htm>>. Acesso em: abril. 2023.

_____. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARTINS, Érika Alves. **A ofensiva neoconservadora no Serviço Social contemporâneo: recomposição de velhos dilemas**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)-Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: 2012.

VAISMAN, Ester. A ideologia e sua determinação ontológica. In. **Verinotio** – revista on-line



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de educação e ciências humanas. Rio das Ostras: Revista da Faculdade de Serviço Social da
Universidade Federal Fluminense (UFF) campus Rio das Ostras, número 12, 2010.

VAISMAN, Ester. **A determinação marxiana da ideologia**. Tese (Doutorado em Educação).-
Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 1996.